



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CAMPUS DE JI-PARANÁ
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO BÁSICA INTERCULTURAL**

**PLANTAS MEDICINAIS DO POVO PANGYJEJ- ZORÓ:
A importância da utilização das plantas medicinais**

Acadêmica: Cristiane Ambé Gavião
Orientador: Reginaldo de Oliveira Nunes

Ji-Paraná – 2015

CRISTIANE AMBÉ GAVIÃO

**PLANTAS MEDICINAIS DO POVO GAVIÃO:
A importância da utilização das plantas medicinais**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação Intercultural da UNIR, como requisito para a obtenção do título de licenciado em Educação Básica Intercultural, sob orientação do Professor Mestre Reginaldo de Oliveira Nunes.

Ji-Paraná – 2015

G283p 2015	<p data-bbox="502 683 790 716">Gavião, Cristiane Ambé</p> <p data-bbox="454 728 1220 862">Plantas medicinais do povo Panyjeje-Zoró: A importância da utilização das plantas medicinais. / Cristiane Ambé Gavião; orientador, Reginaldo de Oliveira Nunes.. -- Ji-Paraná, 2015. 45 p.</p> <p data-bbox="454 907 1291 974">Trabalho de conclusão de Curso Licenciatura em Educação Básica Intercultural. – Universidade Federal de Rondônia, 2015</p> <p data-bbox="502 1008 710 1041">Inclui referências</p> <p data-bbox="454 1086 1291 1176">1. Medicina Tradicional Indígena. 2. Medicamentos medicinais. 3. Cultura Indígena. I. Nunes, Reginaldo de Oliveira. II. Universidade Federal de Rondônia. III. Título.</p> <p data-bbox="718 1220 909 1254">CDU 39:633.88</p>
---------------	---

Bibliotecário: Alex Almeida CRB 11/ 853



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR
 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL – DEINTER
 CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO BÁSICA INTERCULTURAL

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos oito dias do mês de julho de dois mil e quinze, reuniram-se no Departamento de Educação Básica Intercultural, os professores avaliadores, Dr. Maria Lúcia Cereda Gomide, Dr. Kécio Gonçalves Leite, e o orientador professor Ms. Reginaldo de Oliveira Nunes, para proceder a avaliação do trabalho de conclusão de curso intitulado “**Plantas Medicinais do Povo Pangypej-Zoró: importância da utilização das plantas medicinais**” apresentado pela acadêmica CRISTIANE AMBÉ GAVIÃO. Os trabalhos foram iniciados as 10:20, sendo a acadêmica arguida pela banca examinadora por um período de 70 minutos. Após, o trabalho foi considerado aprovado com nota 100. Nada mais havendo a tratar, deu-se por encerrado o ato da defesa.

Prof.º Ms. Reginaldo de Oliveira Nunes – Orientador (UNIR)

Prof.ª Dr. Maria Lúcia Cereda Gomide – Avaliadora (UNIR)

Prof.º Dr. Kécio Gonçalves Leite – Avaliador (UNIR)

Cristiane Ambé Gavião – Acadêmica (UNIR)

DEDICATÓRIA

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso para o povo Panyjeje (Zoró) e para outras pessoas que tiverem acesso. Aos sabedores que me ajudaram durante a construção deste Trabalho de Conclusão do Curso, em especial as mulheres Kum Puxut Zoró, Manding Zoró e Maria Akampawã Zoró que nortearam a pesquisa de campo sobre a demonstração das plantas medicinais do povo Panyjeje (Zoró). Dedico também para pessoas que me auxiliaram e incentivaram como estudante Intercultural da Universidade Federal - UNIR, Campus de Jiparaná. Dedico aos professores que me ensinaram durante a minha trajetória como estudante.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus ao povo Pangyjej (Zoró), da terra indígena Zoró. A toda comunidade de 24 aldeias Zoró, principalmente da aldeia Anguj Tapua, onde foi desenvolvida a minha pesquisa de campo. A todas as pessoas da comunidade, as sabedoras Kum Puxut Zoró, Manding Zoró e Maria Akampawã Zoró que me ajudaram na demonstração das plantas tradicionais que é de uso cotidiano do povo. E os sabedores Manoel Tuaj Tjut Zoró e Marcio Zap Ap Zoró que ajudaram na entrevista dando informação.

Agradeço também as pessoas que me incentivaram e me auxiliaram durante minha vida acadêmica como estudante do Curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural da Universidade Federal de Rondônia, campus de Ji-Paraná.

Agradeço também os profissionais que se dedicaram durante todo o curso para que acontecesse cada etapa de maneira adequada, aos que me auxiliando nas diversas disciplinas e conteúdos, abrindo a minha visão sobre o mundo tecnológico, sociedade envolvente e mundo contemporâneo em que vivemos principalmente aos professores da área específica de formação em Ciências da Natureza e da Matemática Intercultural que me fizeram aprofundar minha experiência, sobre os conhecimentos metodológicos de ensino na sala de aula, educar, respeitar aos próximos, reconhecer as responsabilidades que carrego para compartilhar entre a comunidade e alunos da etnia Zoró ao meu povo Gavião e outros povos que necessitem dos conhecimentos adquiridos durante esse período na universidade.

Também agradeço a todos os amigos da minha turma e amigas que conheci no decorrer do curso, minha família, lideranças, caciques e os sabedores do povo Zoró.

RESUMO

Esta monografia teve como objetivo realizar um estudo sobre a utilização de plantas medicinais pela comunidade indígena Zoró, de Rondolândia, Mato Grosso, a fim de resgatar, preservar e utilizar este conhecimento tradicional em trabalhos com a comunidade. O conhecimento sobre essas plantas e seus procedimentos terapêuticos é transmitido de geração em geração, principalmente pelos sabedores. Utilizamos a metodologia de pesquisa qualitativa; com entrevistas feitas com dois homens de lugares diferentes, sendo um da aldeia Pawãnewã e outro da aldeia Anguj Tapua, para fornecer as informações necessárias para a pesquisa. Foi feito trabalho de campo com várias sabedoras, estas mostraram as plantas e explicaram seu valor medicinal, bem como as receitas para extrair o medicamento para o tratamento das doenças. Portanto, a pesquisa foi norteadada e guiada pelas Sabedoras e os Sabedores Zoró que praticam as atividades da cultura no cotidiano da vida, as mesmas compreendem melhor como reconhecer as plantas medicinais, modo de preparação e formas da utilização de cada erva.

Palavras-chave: Plantas Medicinais, Sabedores, Povo Zoró.

RESUMO NA LÍNGUA INDÍGENA

Awe anga pamatu Panyjeje sande awat mi awaramajã mene kaja. Ebu Djalaj anga Zoró eja takaja mãj banga, Municipio de Rondolândia , Mato Grosso, ka ata. Ebu awe tingi wande mene anga pawat pajã tasande mene tamawa alej kaja wema pa bywej djapia mene ka. Ama papa ej pi ki ama gajej ki ama bujaj pi kia ta kurej anagena akuba pawat paje kaja. Ebu mena wali we tingia mene ka Pawanewa ka sakande ata man pi ki Anguj Tapua man pi kia bere pane ma'á wyjej na alej djali ague pana mene ka. Ena te mena wanzej ta pawat ikinipa gala kuja. Ebu alej mena ana pangena piralia matulu ki ungaj ena mene wat malia ekuj pabi matu ki ana pangena xiwa lia mene matu kia alej mena ungaja. Ena mena pawat pane tingi adjaji tasande pawat kaj mãj ta paderej na. Ebu alej mena ana pangena lia mene pana pagaj were wa.

Palavras-chave: Plantas Mediciniais, Sabedores, Povo Zoró.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	13
PLANTAS MEDICINAIS E POVOS INDÍGENAS	13
CAPÍTULO II	17
HISTÓRICO DO POVO INDÍGENA ZORÓ E METODOOGIA DO TRABALHO	17
2.1. A Terra Indígena Zoró	17
2.2. O Espaço da Aldeia	19
2.3. Organização Social	20
2.4. O contato do Povo Zoró com o colonizador	21
2.5. O que mudou para os Zoró após o contato com o não índio	23
2.6. Percurso Metodológico da Pesquisa	24
CAPÍTULO III:	25
PLANTAS MEDICINAIS DO POVO ZORÓ	25
3.1. Os sabedores indígenas	25
3.2. As Plantas Medicinais	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	46

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo buscar informações referentes ao uso das plantas medicinais praticado pelo povo indígena Zoró – Pangyjej.

Nesse sentido, a finalidade desta pesquisa é registrar as informações do processo de uso das plantas medicinais e a importância da sua utilização nas curas de enfermidades, relatar os tipos de doenças tratados com as plantas medicinais.

Vale ressaltar que a referida prática ainda vem sendo realizada pelos indígenas mais velhos, porém a cada dia a desvalorização está ficando mais evidente. Os indígenas estão valorizando mais os tratamentos na cidade, usando remédios alopáticos. Sem a noção dos danos que isso pode provocar na saúde, causando uma dependência química.

Segundo dados do censo do IBGE realizado em 2010, a população brasileira soma 190.755.799 milhões de pessoas. Ainda segundo o censo, 817.963 mil são indígenas, representando 305 diferentes etnias. Foram registradas no país 274 línguas indígenas (BRASIL, 2014).

Em cada estado da federação brasileira a situação dos indígenas varia muito. Seja no atendimento médico hospitalar bem como nos sistemas de utilização e preparo de plantas medicinais de seu conhecimento que é tão diversa quanto suas culturas. Cada povo tem seus modos próprios de preparar suas ervas, de criar, recriar pelo jeito que compreende a natureza e o que ela oferece para cada sociedade. Esse modo próprio está relacionado na preparação e transformação de determinados tipos de plantas medicinais.

Os Zoró – Pangyjej habita a área denominada Terra Indígena Zoró, uma região onde concentram mais cinco terras indígenas demarcadas: a terra Indígena Sete de Setembro da etnia Suruí, as terras indígenas Serra Morena, Rio Roosevelt e Parque Indígena Aripuanã da etnia Cinta Larga e a Terra Indígena Igarapé Lourdes habitada pelas etnias Arara e Gavião. Os Zoró falam a língua Pangyjej do tronco Tupi e família linguística Mondé como são as línguas dos povos: Gavião/RO, Cinta Larga, Aruá e os Suruí/RO, Salamã (Sanamaiká ou Mondé), Aruá e Aruaxi e ainda os Mekém que se encontram dispersos (Rodrigues, Arion).

Os Povos Tupi-Mondé: Cinta Larga, Gavião, Suruí, Zoró têm alguns conhecimentos semelhantes no que diz respeito às ervas medicinais devido ao espaço geográfico habitado por essas etnias, que possuem a mesma biodiversidade.

No decorrer da história os antepassados das etnias Gavião, Cinta Larga e Zoró sempre mantiveram contato e boas relações sociais; visitavam e conviviam, entre eles, e caçavam e pescavam, assim como compartilhavam dos usos de plantas medicinais, trabalho, construção das

casas, casamentos, praticando ambos os modos mesmo de viver, em vários aspectos. Os grupos então tinham um intercâmbio e relações muito fortes.

Durante essa convivência essas duas etnias praticavam o intercâmbio dos seus conhecimentos uns aos outros, ensinando principalmente sobre as plantas medicinais, os modos de preparo e potenciais de uso. Por isso hoje, os conhecimentos sobre as plantas medicinais do da etnia Zoró incluía os etnoconhecimentos das etnias Gavião, Cinta Larga e até mesmo Suruí.

Cada povo vem praticando, valorizando, preservando aquilo que amparavam e sustentavam a sua sociedade em relação à saúde da comunidade. Assim, o povo Zoró tem as suas peculiaridades culturais, como dança de pajelanças, modo de preparação e infusão das ervas, hábitos alimentares, jeito de viver e habitar em seus ambientes naturais. O registro histórico demonstra que antigamente, o homem já conhecia diversas propriedades das plantas, ganhando destaque as de utilização medicinal. Os conhecimentos sobre as práticas e valores terapêuticos das espécies vegetais vem sendo transmitido, ao longo dos anos, de geração a geração, formando, juntamente com outras práticas, um sistema médico, conhecido como tradicional (COUTINHO, TRAVASSOS, AMARAL, 2002).

Esta pesquisa é inédita para as universidades, não há registro que fala especificamente sobre as ervas medicinais do povo Zoró dentro dos sistemas de tratamento à saúde. Os autores que já escreveram algo sobre plantas medicinais do povo Zoró pesquisaram como diferentes focos: Gilio Brunelli (1988) investigou os conhecimentos médicos dos pajés para explicar as doenças; Fernando Xinepukujkap Zoró (2010) às plantas medicinais utilizadas nos rituais de preparação do caçador e Maria Conceição de Lacerda (2014) pesquisou a educação Zoró e neste contexto às plantas medicinais utilizadas nos rituais de iniciação masculina.

Nestes últimos anos eu tenho percebido que os jovens Zoró sequer perguntam sobre as plantas medicinais. Última vez que foi feita uma feira de ciências na aldeia escola Zawã Karej Panyjeje, onde trabalho foi no ano de 2011. Nesta feira foi feito um estudo sobre a vegetação existente na terra indígena Zoró e sobre os etnoconhecimentos das plantas medicinais, das plantas utilizadas para madeira de construção das casas (maloca), daquelas cujo alguma parte ou o todo servem para fabricação de materiais de utensílio, para ferramentas e armas, artesanato e etc.

Durante a feira de ciências, vários jovens mostraram desinteresse na pesquisa, mas o orientador da cultura conseguiu convencê-los e a feira de ciências foi um sucesso. O meu interesse por este tema surgiu desta experiência e cresceu com o apoio dos conteúdos específicos aplicados na escola.

Esta pesquisa tem grande importância para o povo Zoró, pois a medicina tradicional vem sendo esquecida, neste sentido, servirá para resgatar e manter fortalecendo a manutenção da cultura e a relevância dos conhecimentos tradicionais da etnia. Com o contato, o povo Zoró

conheceu a medicina ocidental alopata que quimicamente ativa faz o organismo reagir mais rápido e a pessoa melhorar da enfermidade num curto período de tempo. Com esta experiência muitos Zoró passaram a supervalorizar os remédios ocidentais em detrimento ao uso das ervas medicinais e com elas as práticas tradicionais.

Na floresta tem diversos tipos de plantas e cada uma com propriedades específicas de uso, assim, com o incentivo da realização desta pesquisa, têm como voltar à prática tradicional do uso das plantas medicinais e repassar esse conhecimento as futuras gerações.

Entretanto, a pesquisa voltada para as plantas medicinais avança a partir dos sabedores e conhecedores das plantas, são eles que sabem preparar, misturar, classificar, sabem das potencialidades químicas e dos processos de aplicação no ser humano. É importante lembrar que quando estudamos as plantas medicinais na comunidade, estamos nos referindo aos estudos com os idosos, eles são os conhecedores e sabedores da comunidade, por isso, é fundamental desenvolver as pesquisas e fazer os registros do conhecimento tradicional enquanto eles estão vivos. Hoje a maioria das populações indígenas vem perdendo suas culturas e conhecimentos sobre as plantas devido a não reconhecerem seus mestres e desvalorizar o conhecimento cultural.

Baseado nas informações, esta pesquisa teve como objetivo identificar e categorizar as ervas medicinais conforme os conhecimentos da etnia Zoró, visando assim o registro das receitas de plantas desconhecidas e seu real potencial medicinal desse grupo étnico da região noroeste do Estado de Mato Grosso.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos: o primeiro consta de um breve histórico sobre a etnia Zoró. No segundo capítulo é feita uma revisão bibliográfica sobre as plantas medicinais e os povos indígenas, no terceiro capítulo são apresentados a metodologia utilizada para obtenção dos dados e, o quarto capítulo traz a descrição das plantas medicinais estudadas.

CAPÍTULO I

PLANTAS MEDICINAIS E POVOS INDÍGENAS

Ao longo da sua existência, o povo Pangaýej já vinha praticando e utilizando as plantas medicinais para cura de enfermidade e doenças. Atualmente eles ainda usam para combater algumas doenças, mesmo tendo contato com os remédios farmacêuticos.

Podemos afirmar que “o uso de plantas no tratamento e na cura de enfermidade é tão antiga quanto à espécie humana” (MARCIEL *et al.*, 2011, p. 429). Então, o conhecimento sobre as plantas medicinais é muito importante para o uso básico do cotidiano do povo.

Embora, não tem ainda um estudo sobre as plantas medicinais conhecidas pelos Pangaýej, somente eles sabem a afinidade de uma determinada planta, e a forma de sua utilidade, conforme MILLIKEN (1998), as partes mais usadas pelo povo e as folhas, da raiz e a entrecasca.

Entre tanto, a comunidade tem demonstrado o conhecimento sobre as plantas medicinais, existente na sua Terra, que jamais qual quer pessoa conheceria, sem o auxílio do sabedor, nesse caso, podemos afirmar que “O conhecimento sobre plantas medicinais simboliza muitas vezes o único recurso terapêutico de muitas comunidades e grupos étnicos” (HOEFFEL *et al.*, 2011, p. 4)

Apesar de existir ainda um pouco de conhecedores sobre as plantas medicinais, eles têm uma grande preocupação com as futuras gerações, que desde já percebem as modificações no processo de tratamento sobre as doenças básicas no povo, conforme HOEFFEL *et al.* (2011), os jovens não estão se interessando no uso das plantas medicinais, eles preferem os remédios da farmácia e hospital porque é mais fácil fazer o tratamento com os medicamentos industrializados. Dessa forma as práticas e conhecimento acerca das plantas medicinais corre risco de não ser mais utilizados pelos jovens Pangaýej.

É muito importante, incentivar a utilidade das plantas medicinais do povo, porque é um conhecimento único entre tantas culturas, somente eles tem os nomes daquelas plantas medicinais e a forma de usar.

Podemos afirmar que “as populações tradicionais não só convivem com a biodiversidade, mas nomeiam e classificam as espécies vivas segundo suas próprias categorias e nomes” (DIEGUES *et al.*, 2000, p. 16). Por isso esses conhecimentos e costumes devem ser repassados para outras pessoas do mesmo grupo étnico, ou seja, para nova geração, como afirma SOUZA (2007) que a utilidade das plantas medicinais é prática comum, em transmitir de geração em geração.

Logo, as modificações estão sendo feitas de uma forma sutil, a cada ano que passa sem a comunidade perceber claramente. Conforme HOEFFEL *et al* (2011), a prática e a utilidade da continuidade do conhecimento podem ser ameaçadas pela interferência externa.

Porém, o conhecimento tradicional de cada grupo étnico é uma forma de identidade social, repleto de diversos tipos de conhecimento sobre os recursos naturais da biodiversidade. Podemos afirmar que “o conhecimento acumulado pelas sociedades tradicionais, através de séculos estreita relação com a natureza, desempenha papel fundamental para manutenção da diversidade biológica, assegurando a utilização racional dos recursos naturais” (MONTELES, 2007, p.1).

Então, tem que valorizar esse conhecimento para manter a identidade cultural, que muitas vezes não é compreendido pelo outro, conforme MENEZES *et al* (2011), existe o momento próprio, o dia, e o lugar certo para encontrar as plantas e raízes na natureza. Onde também estabelece a regra durante o ritual da utilização das plantas medicinais, isso varia de cada povo étnico.

Podemos afirmar que “ainda na Amazônia brasileira vivem diferentes povos detentores de conhecimentos específicos com plantas medicinais, trazem no seu histórico de vida grande diversidade cultural representando o etnoconhecimento sobre o manejo das espécies nativas como medicinais, alimentícias, tintoriais, madeireiras, têxteis, ornamentais, mágicas, entre outras (ALMEIDA *et al.*, 1998 *apud* MATA, 2009, p. 16).

Há uma grande diferença entre o conhecimento pelas plantas por cada povo, o que o outro conhece por remédio medicinal, não é considerado como uma planta medicinal para outro, existe os saberes diferentes entre as pessoas tradicionais. Atualmente já existem vários estudos acerca das plantas medicinais tradicionais utilizados pelos indígenas, que é muito importante para a pesquisa da medicina.

Podemos afirmar que “o conhecimento tradicional dos povos sob vários enfoques possibilita suas culturas, bem como a utilização prática das plantas gerando a etnobotânica. Ciência que colabora com a valorização, os conhecimentos e as medicinas tradicionais das comunidades; subsidia estudos étnicos, antropológicos, botânicos e ecológicos sobre os povos envolvidos na pesquisa; subsidia ao Poder Público no desenvolvimento de projetos socioeconômicos, bem como ambientais” (MATA, 2009, p.22)

Ainda tem muitas comunidades indígenas que nunca passaram pelo processo de estudos dentro da área de conhecimento sobre as plantas medicinais, os saberes só existem entre si, repleto de remédios interessantes, para a cura de algumas doenças que pode ser tratada sem nenhum risco à saúde. Além disso já tem uma boa parte que já é conhecida pelo mundo inteiro desde da época dos colonizadores, de acordo com LÉVIS STRAUSS (1989) *apud* MATA (2009)

durante o processo da civilização, foram identificadas várias espécies de plantas medicinais da qual se adequaram ao uso e reconheceram o lugar e o tempo certo para a colheita, das plantas medicinais. Dessa forma ouvi uma grande conquista ao recolher conhecimentos dos povos indígenas pelos portugueses até então, alguns povos deixaram de existir, deixando apenas os saberes identificados, pela sociedade envolvente. Mas atualmente a grande número das populações indígenas no Brasil.

Porem pode afirmar que “a expectativa pela demarcação de terras indígenas fortaleceu a identidade desses povos, possibilitando a continuidade étnica de famílias historicamente conectadas entre si e que possuem raízes na região (PERES, 2003, *apud* SILVA, 2008, p. 347), pois essa e uma vantagem para as comunidades indígenas, comparando com o tempo da colonização, na qual ocorreu enorme interferência na cultura do povo tradicional.

No entanto a possibilidade de manter e preservar a tradição que ainda resta, e o foque principal das populações indígenas, dessa forma eles vão incentivando os jovens a dar valor ao conhecimento tradicional do seu povo, até porque o mundo que pertence e formado pela diversidade cultural com os saberes diversificados.

Podemos afirmar que “países com rica biodiversidade e conhecimentos tradicionais abundantes, como é o caso do Brasil (o Ministério do Meio Ambiente estima que populações indígenas brasileiras dominem a aplicação medicinal de 1300 plantas brasileiras (SILVEIRA, 2003 *apud* FORRO *et al*, 2005, p. 178). Essa informação e o resultado das pesquisas realizadas sobre as plantas medicinais utilizadas pelas algumas etnias. Mas ainda existe outras plantas que não foram identificadas durante essas pesquisas, nesse caso podemos perceber que há uma grande quantidade de plantas sem estudo dos especialistas nos remédios tradicionais.

Podemos afirmar que “a identificação e a informação obtidas sobre o uso de plantas medicinais podem ser utilizadas para orientar pesquisas com a finalidade de refinar ou otimizar os usos populares correntes. (LUZ, 2001, p. 89), desde que não seja o uso exagerado pela sociedade, porque pode levar a extinção de um determinado espécie de planta mais procurada.

Então a utilidade deve ser controlada para atender a demanda da população, pois e muito importante a revitalização e preservação das plantas medicinais na vida de algumas populações, principalmente para os povos indígenas, que e significativa para a sua convivência na natureza, onde as plantas são tratadas com cuidados respeitando seu habitat, colhendo apenas para uso do tratamento de uma determinada doença, a utilidade acontece somente naquela hora, porque não tem a hora e o dia para realizar o uso do remédio tradicional.

Podemos afirmar que “a combinação de plantas nativas com plantas introduzidas, hortaliças, fruteiras e outras plantas cultivadas acompanha a diversidade de costumes e cultura próprios de uma população de origem diversa, refletindo a riqueza e o potencial do

conhecimento popular na cura de muitas enfermidades prevalentes” (LUZ, 2001, p. 96). Assim todos os cultivadores das plantas têm a sua forma de ministrar o uso do mesmo, mostra o potencial do conhecimento sobre as plantas.

No entanto os usos das plantas ainda estar sendo praticada, podemos afirmar que “ao longo dos anos vem aumentando o número de pessoas que utilizam plantas medicinais como uma alternativa para tratamento, principalmente aquelas pessoas que não tem acesso ao atendimento médico e aos medicamentos, devido ao preço muito alto. Quanto aos índios, independentemente da existência ou não dos medicamentos fabricados pelo não índio, os mesmos necessitam perpetuar seus conhecimentos quanto à utilização das plantas, uma vez que para eles o tratamento com as plantas medicinais é para cuidar do corpo e da alma” (MATA, 2009, p.17).

Atualmente algumas populações indígenas não estão mais praticando o ritual das pajelanças, na cura das enfermidades, porque eles não se preocupam mais com esse tipo de cura, isso acontece devido a interferência externa, já não acredita mais na de espiritualidade do pajé, no caso do povo Pangujeje a quem refiro esta pesquisa, não existe mais a pessoa que possa fazer esse ritual, porque os sabedores já deixaram de existir mais, e não foi repassado para outro dar continuidade. Podemos afirmar que “A prática de cura da alma está através das seções xamânicas que os pajés utilizam ervas para banho ou fumaças para afastar espíritos ruins que venha perturbar a saúde do indivíduo ou da coletividade” (MATA, 2009, p.17).

As práticas tradicionais e diferenciadas de acordo com a cultura de cada indivíduo, no contexto em que convive, com o desenvolvimento das ciências naturais e, posteriormente da antropologia, o estudo das plantas e seus usos por diferentes grupos humanos passou a ter outra visão. Atualmente, com base nos trabalhos já realizados, pode-se entender a etnobotânica como sendo o estudo das inter-relações (materiais ou simbólicas) entre o ser humano e as plantas, devendo-se somar a este os fatores ambientais e culturais, bem como os conceitos locais que são desenvolvidos com relação às plantas e ao uso que se faz delas, (JORGE e MORAIS, 2005). Begossi (2002) *apud* MATA, 2009. p. 34). As características no reconhecida sobre as plantas medicinais são diversas outros conhecem pela raiz e uns pelas folhas.

Podemos afirmar que “as modalidades culturais peculiares a cada sociedade, que seus membros utilizam para interpretar o mundo e também para agir sobre ele são consideradas formas de conhecimento”. Assim, o conhecimento varia de uma sociedade para outra, tanto em conteúdo quanto em suas formas de transmissão, determinando em cada agrupamento humana forma determinantes de atuação. ” (MATA, 2009, p.35).

CAPÍTULO II

HISTÓRICO DO POVO INDÍGENA ZORÓ E METODOOGIA DO TRABALHO

O Povo Zoró é um grupo indígena que habita a Terra Indígena Zoró no Parque Indígena Aripuanã, no Município de Rondolândia, Estado do Mato Grosso. Tem uma população de aproximadamente 770 indivíduos (Informação: SESAI /março/2015).

Existem várias explicações para o nome Zoró e uma delas partiu dos índios Suruí – vizinhos no Parque Aripuanã e surgiu de uma incompreensão na época do contato. De acordo com Praxedes (1977, p.75), o termo “monshoro”, utilizado pelos Suruí de Rondônia e foi abreviada para “shoro” e, por fim, Zoró. Praxedes afirma que monshoro significa “cabeça-seca” para os referidos Suruí.

Até início do século XX os Zoró eram um grupo totalmente desconhecido, só a partir das primeiras décadas do referido século é que esse povo passou a fazer parte da narrativa de seringueiros, caucheiros e caçadores de peles, não como um grupo já denominado, mas como um grupo de bravos guerreiros existentes às margens do Rio Branco, afluente do Rio Roosevelt. A confirmação dentro da sociedade nacional sobre a existência Zoró se dá com Francisco Meireles, que sobrevoa suas malocas no ano de 1968. A língua pertence ao tronco lingüístico Tupi, da família Mondé, denominada Pangyjej. Essa família lingüística é falada por mais duas etnias do Parque Aripuanã: Suruí e Cinta-Larga.

2.1. A Terra Indígena Zoró

A Terra Indígena Zoró (Figura 01) faz parte do Parque Indígena Aripuanã, que foi criada no ano de 1968 após o massacre imposto a etnia Cinta Larga pela firma Arruda e Junqueira e que ficou conhecido como “massacre do paralelo onze” (LACERDA, 2014). O objetivo da criação do Parque era de acordo com o Decreto nº 62.995 de 16 de julho de 1968: “[...] a proteção aos índios Cinta Larga e Suruí”. Na época, era grande a pressão das empresas mineradoras em explorar o rico subsolo da região, o que exercia uma forte pressão sobre os indígenas e o risco de seu extermínio.

Conforme o Decreto Presidencial nº 265 de 29 de julho de 1991, a Terra Indígena Zoró “caracterizada como de ocupação tradicional e permanente indígena” tem uma superfície de 355.789,592h (trezentos e cinquenta e cinco mil, setecentos e oitenta e nove hectares, cinquenta

ares e noventa e dois centiares) e perímetro de 304.399m (trezentos e quatro mil trezentos e noventa e nove metros). A luta do povo foi de extrema importância para sua conquista.

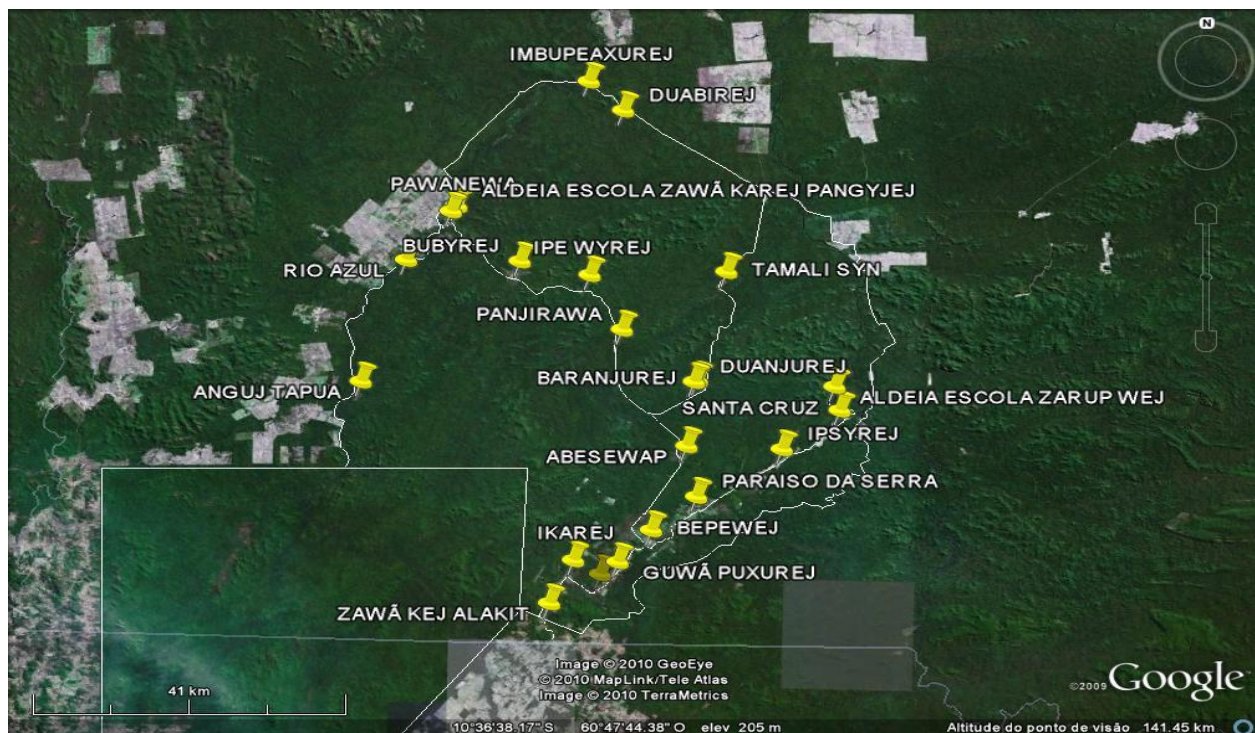


Figura 1 - Terra Indígena Zoró

A pressão do Banco Mundial também fez: “[...] o governo do Estado do Mato Grosso revogar a lei que criou o Distrito de Paraíso da Serra que tinha cerca de oito mil habitantes, dentro da Terra Indígena dos Zoró” (LACERDA, 2014). É importante frisar que além das pressões do Banco Mundial, foi decisiva a luta da sociedade defensora dos povos indígenas como o CIMI – Conselho Indigenista Missionário, COMIN – Conselho de Missões entre Índios, a imprensa nacional e estrangeira, entre outras.

Deve-se ressaltar que a atual área de posse do povo é apenas uma parte do território tradicional, pois, segundo relatos dos sabedores, a grande maioria do povo estava situada à margem esquerda do Rio Branco, onde é a Fazenda Castanhal, e não à margem direita onde hoje está a Terra Indígena Zoró. A mudança para a margem direita se deu em função das correrias impostas pelas lutas com as fazendas que ali se instalaram a partir do início da década de setenta.

2.2. O Espaço da Aldeia

A aldeia tradicional Zoró era formada pela casa ou maloca (zap teré). O pátio da aldeia é o espaço para rituais e atividades do cotidiano. O cercado, para criação de animais e um pequeno tapiri próximo à maloca. O bekã (sem vocábulo correspondente em língua portuguesa) é o local onde os homens confeccionavam e ensinavam seus filhos a fazerem arcos e flechas, é também utilizado como lugar de concentração dos convidados para as festas na aldeia.

As atividades cotidianas da aldeia envolvem o descanso, o preparo dos alimentos, as conversas informais, a intimidade da família, as brincadeiras. A maloca como local de ensino e aprendizagem diz respeito às cerimônias rituais, aconselhamentos, histórias contadas à noite e pela madrugada, ao rito de passagem feminino (no fundo da maloca é separado um espaço: clausura, onde a jovem ficava isolada dos demais moradores), às cerimônias de cura, dentre outras.

Quanto ao local para realização de funeral, é na maloca onde eram enterrados os mortos da aldeia, e após, queimada para simbolizar o corte das relações do espírito da pessoa enterrada com as pessoas vivas da aldeia. Quanto ao espaço de identidade, são raras as aldeias Zoró que não tenham uma maloca, mesmo em meio às casas de madeira ou alvenaria construídas de acordo com o padrão ocidental. É como se: não existe maloca não existe aldeia, e, portanto, espaço para os rituais e festas tradicionais. É também a representação de poder do Zawijaj (cacique) local. A maioria deles mora na maloca ou tem uma maloca para seu descanso. No pátio da aldeia eram realizadas as danças rituais – e daí para o interior da maloca.

Os Zoró antes do contato viviam em sistema de “migrações sazonais” dentro do seu território. Esse ir e vir ocorria principalmente para evitar o esgotamento excessivo do solo e a queda de produtividade da roça, haja vista os solos serem de baixa a média fertilidade. Esse modo próprio de viver era também influenciado fortemente pela caça e pesca abundante, coleta de frutos, e até por pressões dos grupos inimigos. Habitavam uma aldeia por um período de três a quatro anos, voltando ao mesmo local por igual período de tempo para morar. Renovavam a cobertura e a estrutura da aldeia abandonada – que tinha em média uma vida útil de quatro anos.

Os limites territoriais dos Zoró eram geralmente definidos pela existência de seus inimigos. Para o estabelecimento de uma nova maloca, primeiro era averiguada a distância segura de vestígios de capoeiras dos grupos opositores, através das expedições de perambulação, e só após é que se instalavam.

É dentro do contexto de guerras, alianças e da exploração do ambiente em busca de melhores terras e territórios de caça que os Zoró saíram da confluência do Rio Branco com o Rio Roosevelt no início do século passado para chegar onde hoje é o seu território.

2.3. Organização Social

A organização social Zoró tem como base o núcleo familiar, que em tempos passados organizava-se em clãs. De acordo com a tradição do sistema de clãs, a descendência é paterna, a mãe não influencia na determinação do grau de parentesco, conforme o sistema do ocidente.

Os Zoró organizam-se por clãs denominados: **Pangȳjej** (Povo comedor de gente moqueada), **Pangȳj Pewej** (povo da pele escura), **Pangȳj Kirej** (Povo da pele clara), **Zabeap Wej** (Povo bom e trabalhador), **Duwey** (Povo do Urucum), **Majx̄wej** (Povo da makaloba doce), os **Jyjej** (Povo Valente), **Ujkywej** (Povo do Patoá), **Pamakangȳj** (povo do caldo) e **Iandarej** (Povo da cabeceira do rio).

Dentro da escala hierárquica do grupo os homens estão acima das mulheres. Essa relação é percebida na hora da alimentação coletiva em determinadas festas rituais, quando os homens comem primeiro, depois as mulheres e crianças; nas reuniões, os homens sentam à frente e as mulheres imediatamente atrás; e na questão do parentesco, a descendência é do pai.

Os mais velhos (pandet, em língua materna) geralmente são tratados com grande respeito, pois são eles quem detém o conhecimento da cultura e da técnica. Outro aspecto da influência dos mais velhos para com os mais novos é que eles sempre têm a primeira palavra.

Existe a divisão sexual do trabalho. De um modo geral cabe aos homens a segurança da aldeia, a derrubada do mato e o plantio da roça, a caça, a pesca, a coleta dos frutos, a construção da casa, a limpeza do pátio da aldeia, a confecção das armas. Às mulheres cabem a colheita e o transporte dos produtos agrícolas, de lenha, o preparo dos alimentos, o cuidado com as crianças. No aspecto relacionado à confecção de objetos, também é nítida a diferença. Aos homens cabe produzir os seus instrumentos de trabalho, de caça, pesca e instrumentos musicais: arco, flecha, machados e flautas. As mulheres se encarregam da produção de cerâmica, dos trançados e enfeites como pulseiras e colares. Em alguns casos os homens produzem cestos trançados de palha como o bassapé, e um colar feito de cipó coberto com um trançado da palha do olho do babaçu (*Orbignia martiana*) chamado de “ambuap”.

As atividades produtivas do povo Zoró podem ser divididas em três modalidades: roçados, expedições coletivas e atividades individuais. Os roçados são atividades mais relacionadas à família, uma responsabilidade do homem que provê os seus descendentes. Tanto é realidade que muitas das histórias falam sobre a necessidade da disponibilidade do homem para o trabalho, e nas narrativas sobre o casamento, o sogro escolhia o genro com coragem de trabalhar, este também era requisito básico para tornar-se um Zawijaj. Dessa forma, o trabalho se caracteriza como um atributo importante de status. Embora os roçados pertencessem (ou

pertençam) às famílias, o uso dos produtos sempre se dá de forma coletiva, porque culturalmente não há um controle rigoroso sobre os bens ou uma ideologia da individualidade.

As atividades produtivas individuais estão relacionadas à caça e a pesca e raramente à coleta, uma atividade rotineira com o intuito de abastecer a família. Porém, se em algumas dessas investidas o resultado gera uma quantidade acima do esperado para a família, o excedente é repartido com os demais da aldeia.

2.4. O contato do Povo Zoró com o colonizador

As etnias Indígenas Tupi-Mondé (Cinta-Larga, Suruí e Zoró) residentes no Parque Indígena Aripuanã, tiveram o contato com a sociedade brasileira relativamente recentemente e estreitamente relacionado com o projeto de colonização do Governo Federal para a região. O contato com os Cinta-Larga “sucedeu a partir do final da década de 1960, os Suruí tiveram o contato com a FUNAI em 1969. Os outros grupos do mesmo tronco, que estão localizados fora do Parque, foram contatados: Gavião, na década de 40, Aruá e Salamã (Monde) na década de 30. O outro grupo é dos Arara do Guariba, 1923” (OPAN/CIMI, 1987, p. 117).

As primeiras referências históricas sobre os Tupi-Mondé datam do começo do século XX (Meireles 1984). Dois eventos significantes aconteceram durante este período: Primeiro foi a construção da linha de telégrafo que cruzou os territórios dos Tupi-Mondé e depois o segundo foi a corrida pela borracha. Com as linhas de telégrafos muitas áreas inexploradas foram abertas para a sociedade nacional brasileira, resultando consequentemente na extinção de vários grupos de nativos.

É com a instalação da Fazenda Castanhal no início da década de setenta do século XX, que há uma proximidade muito grande com as malocas dos Zoró e o confronto se tornou inevitável. E os Zoró ao chegarem à margem do rio Branco, resolveram atacar os empregados da Fazenda Castanhal: em dois ataques mataram três trabalhadores e feriram bastante um quarto. A não resistência dos trabalhadores aos ataques dos índios favoreceu o contato – é o que indica a descrição apresentada por Praxedes (1977).

Os sabedores contam que o contato se deu por curiosidade, com o objetivo de fazer amizade. Mas, também à pressão exercida pelas fazendas e colonos, levou a aproximação dos Zoró com o não índio as fazendas foram fechando o cerco e empurrando os Zoró para a proximidade da Terra dos Suruí, seus inimigos históricos. A velha estratégia de guerra não fazia efeito. A distância entre a Fazenda Castanhal e a Aldeia Bubyrej (Aldeia Central), é de 13.800 metros lineares, colocando a segurança do povo em risco.

Sem saída, Paiô convocou alguns homens para fazer o contato, e encontram-se com três funcionários da Fazenda Castanhal. O grupo era formado por Maxianzap, Xikitkarp, Kanzap, Pepuj e seu pai Mawanjut. Outros guerreiros ficaram escondidos para a segurança do grupo, caso houvesse algum desentendimento.

QUADRO 1 - Aldeias Zoró.

ALDEIA	ANO DE CRIAÇÃO
1. Bubyrej – Central	1976
2. Zawã Kej – Barreira	1991
3. Tamali Syn	1992
4. Guwa Puxurej – José	1992
5. Webaj Karej – Sagapuga	1992
6. Panjirawá	1992
7. Ipewyrej	1992
8. Anguj Tapua	1992
9. Japarara	1994
10. Ikarej – Pepuj	1998
11. Pawanewã	1999
12. Abesewap	1999
13. Imbupeaxurej – Chiquinho	2001
14. Aldeia-Escola Zawã Karej Pangyjěj	2002
15. Dwanjurej	2003
16. Rio Azul – Sérgio Aquit	2004
17. Paraíso da Serra	2005
18. Santa Cruz	2005
19. Aldeia do Paulo Apeti	2005
20. Duabyrej – Caneco	2006
21. Ypsyrej	2006
21. Aldeia-Escola Zarup'wej	2006
22. Padarap Wej	2007
23. Be Pewěj	2008
24. Gala andjurej	2014

2.5. O que mudou para os Zoró após o contato com o não índio

O contato com o não-índio inseriu no âmbito da organização social Zoró mudanças jamais imaginadas por esses indígenas. Isto trouxe alguns ganhos – segundo os próprios índios – mas, em compensação, levou a uma desestruturação do seu modo tradicional de viver. A grande maioria dessas mudanças foi imposta pelo colonizador, seja pela ação do órgão responsável pela assistência, seja por pressão das interferências religiosas. São destacados três tipos de perdas.

A perda primeira e mais impactante para o grupo é a do **território tradicional**. O território constitui-se o espaço fundamental para execução das atividades culturais como a caça, a pesca e as roças, pois a extensão da área é que garante a sustentabilidade dessas atividades, ou seja, ela permite que os grupos migrem para locais ainda inabitados, garantindo a recomposição do espaço explorado e num tempo de quatro a oito anos possa retornar ao mesmo local. Inicialmente essa perda se dá com a instalação de grandes fazendas e depois com a invasão de grandes terras de colonos.

A segunda perda se dá na brutal **diminuição da população**. Isto ocorre em função da baixa imunidade às doenças trazidas pelo colonizador. Os surtos de doenças levaram a óbito mais de 50% da população Zoró. Com as doenças ocorreu a intervenção da FUNAI e dos órgãos de saúde pública. E com esta presença constante de não índio na aldeia ocorreram outras mudanças significativas na forma própria de viver do povo foi a introdução de casas nas aldeias em substituição a maloca, desarticulando um ambiente muito importante para a transmissão da cultura através da oralidade. À noite os oradores mais eloqüentes contavam repetidas vezes os mitos e histórias. O compartilhar em ouvir e contar assegurava o registro histórico do povo bem como iniciava os futuros narradores a manterem sua história viva. A moradia em casas de madeira restringe o número de pessoas a apenas uma família, impossibilitando, na maioria das vezes, o ritual “aratigi maj pane” (ou, o ritual de contar histórias antigas).

A terceira perda elencada nas mudanças do modo próprio de viver do povo Zoró está o **sistema de lideranças**. O que inicialmente estava assentada, embora de forma precária, na hereditariedade, hoje segue outros padrões. O fato recente no sistema de constituição da liderança é a eleição para cacique geral a cada dois anos, escolhido pelas lideranças tradicionais. Essa forma de discutir a liderança é fruto de ideias correntes na sociedade envolvente, impensável no período pré-contrato, e que tem objetivo precípuo de atender as demandas surgidas na relação interétnica. O cacique geral às vezes pode nem exercer o papel social que lhe é atribuído no âmbito das relações travadas dentro da comunidade, e sim outra liderança mais influente. Dessa forma se estabelece um sistema duplo de liderança: um líder para negociar com o mundo externo e outro para resolver os problemas da comunidade. Além do cacique geral

existem outras formas de liderança como: professores, diretores das escolas, Agentes de Saúde (AIS) e Agentes Sanitários (AISAN).

Os Zoró sabem das consequências da perda e do dever da continuidade da sua cultura. Se for perguntado a qualquer jovem, ele irá responder de imediato que as tradições devem ser preservadas, porém este mesmo jovem rejeita a pintura facial, o sistema de casamento tradicional, dentre outros aspectos. Isto é perfeitamente compreensível pelo fato de que culturas em contato mesclam-se em um processo dialético, em que uma cultura parece não ser mais a própria, com originalidade e tradição, assim como também não é na essência a cultura do outro. O que importa, entretanto, é o processo de alteridade que se irá construir a partir de então, haja vista nunca mais poder voltar à cultura original trazida pelos Zoró à época do contato.

2.6. Percurso Metodológico da Pesquisa

Foi realizado um levantamento sobre as plantas medicinais através das imagens, anotações, entrevistas e gravação durante o desenvolvimento da pesquisa. Quando as sabedoras mostravam as plantas medicinais, eram registrados através de fotografias para auxiliar posteriormente na identificação das plantas e facilitar os relatos de cada uma das plantas, como as preparações e a utilização para combater determinadas doenças.

As entrevistas foram feitas com dois homens de lugares deferentes um da aldeia Pawãnewã e outro da aldeia Anguj Tapua ,para fornecer as informações necessárias para a pesquisa. Portanto, a pesquisa foi norteada e guiada pelas Sabedoras Indígenas Kum Puxut Zoró, Manding Zoró e Maria Akampawã Zoró todas são da aldeia Anguj Tapua. São as sabedoras tradicionais que praticam as atividades da cultura no cotidiano da vida, as mesmas compreendem melhor como ser um Zoró, a vida e a forma que elas foram ensinadas, para reconhecerem as plantas medicinais, modo de preparação e formas da utilização de cada erva.

Elas contaram que adquiriram conhecimentos das plantas através dos seus pais. Porque tinha que saber pelo menos o básico do remédio para corar seus filhos de alguma fatalidade provocada pela doença principalmente a diarreia, antigamente era muito importante saber a finalidade de cada planta para combater uma determinada doença.

CAPÍTULO III: PLANTAS MEDICINAIS DO POVO ZORÓ

3.1. Os sabedores indígenas

ENTREVISTA DO MÁRCIO ZAP AP ZORÓ



Queremos que os nossos jovens aprendessem o uso das plantas medicinais do nosso povo ninguém sabe, para que aconteça precisamos achar uma maneira de ensinar a eles como vivíamos primeiro. Antigamente nós éramos curados pelas plantas medicinais sem dúvidas. Até porque tem remédio para tudo tipo de doenças como diarreia, aquela doença que a pessoa fica com a barriga grande parecendo mulher grávida isso também tinha cura, porque que hoje não tem cura?

Por isso temos que tomar uma iniciativa para ensinar os nossos filhos e netos, assim alguém pode se interessar em aprendê-la mesmo, e essa pessoa pode estar trabalhando ou curando as outras pessoas somente com próprios remédios do mato, talvez vire um profissional de verdade, igual às enfermeiros brancos.

Até agora acreditamos só no remédio da farmácia, mesmo sabendo das consequências que pode causar a nossa saúde, penso eu que essa e mais uma pratica tradicional que estamos deixando morrer sem se preocupar de manter e preservar para nosso próprio bem.

ENTREVISTA COM MANOEL TUAJ TJUT ZORÓ



Assim pensamos hoje, queremos que continuássemos as práticas tradicionais dos nossos antepassados tomando os nossos remédios, tem muitas plantas medicinais na mata que pode curar doenças, deixamos de aprender a partir do momento que tivemos contato com os remédios da sociedade envolvente, desde então não damos muita importância na utilização das nossas ervas medicinais.

Tem remédio para febre, por isso devemos dar a continuidade no consumo dessas plantas, podemos aproveitar os sabedores desses remédios enquanto eles estejam entre nós ainda, eles estão se acabando, depois não vai ter mais jeito de resgatar e aprender sobre as plantas medicinais do nosso povo, ou seja, já esquecemos ninguém de vocês sabem a afinidade de uma planta!

3.2. As Plantas Medicinais

PLANTA 01: APEREPIA

Aperepia pangena pabere pire wat kaja.

Pambere pit te panzane pandutê pé manga mene kajá.

Ena buteza kia te pangena xi wap kuja.

Paga kajã pangena bala karea . Ebu pangena kajãm pi dalaga sape kaja. Epi tere bu pangena xiwa i pina ki itet tajambyp ka Kia te xiwá.

Werewa maj te angena xi wa, wanzej ki wyjej Ki pandérej ki bywej Kia maj angena xi wa.



Planta 01: Aperepia

Aperepia e uma erva, que serve para termos coragem (não ter preguiça), a pessoa que toma do chá fica com muita vontade de fazer as coisas, o chá e preparado da raiz da qual raspamos a casca e em seguida espreme a espuma misturando com a chicha ou até mesmo em água fria, Logo após já pode ser consumido pelas pessoas sejam mulheres, homens, adultos e crianças.

PLANTA 2: ANDATKIREJSEP

Andat kirej sep mi pangena pandat atiga pazane mene ka pawara majã

Pabi pixala pangena, ebu pangena sugu sugua pababe angu ka pabi sabug ma pinia. Ebu pangena pabi sabug pira ki kãjga pira ki pambapê kã.



Planta02: Andatkirejsep

Andat kirej sep é uma planta utilizado para combater dor de cabeça. A parte consumida desta planta são as folhas. Arranca as folhas esfrega na palma da mão, coloca um pouco de água para dar uma espuma, essa espuma é passada na testa que é cheirada também porque tem aroma muito forte, para aliviar a dor

PLANTA 03: PANGÍRA

Pangíra pága xiwa pangena gym ta pazane meneka. Gym war mena

Ena mene ka pangena pága xi wa gulua.

Pawara tere Jane mene kã. Gym ta mesane mene ka meja pángíra xiwa liã.

Paga kajã pangena. Ebu pangena itet ka xiwa. Ena pangena paga xiwa lia.



Planta03: Pangira

A raiz da Pangira é indicada para o tratamento de anemia. Quem tiver com anemia pode tomar desta raiz. Para preparar o remédio com Pangira raspa a raiz e colocar na água fria, depois de um tempo de infusão espreme as raspas e pode ser consumida.

PLANTA 04: MANJAKU PEWYP

Manjaku pewyp kala panga ka gala kuj pawexipe ká.

Ebu panga xikini pajane mene ka djuga paga igiá.

Ebu panga wulu paga ta pawulu zap kujá.man paga kajã bu pangena pali sape xima itet ka mene ká.

Etere pangena sape xima kap pi xiwá.

Ena panga manjaku pewyp paga xiwa pawe xipe ká...

Pandet wara ki byp wara Kia man te menaliá.

Ena teté ewe pane anga pawat pane na.



Planta04: Manjukupewyp

Esta planta serve para combater a diarreia, ela pertence vários tipos de plantas que combate a diarreia durante a preparação do chá e misturada com as outras, a parte utilizada e a raiz que fixa no solo. Para preparar e preciso raspar a casca da raiz com a faca antes de devolver água, logo o baguaçu e exprimindo e jogado fora para ser consumido pelo paciente, o tratamento seque até a melhora da pessoa. Esse medicamento e indicado para todas as pessoas de qualquer idade independentemente do sexo.

PLANTA 05: WAWU KUSET

Pandapuap atiga panzane mene ka panga wawu kuset paga ma'ã.

Ebu pangena paga kãja pali paga sape xi mandu pukãj ka epi pali xiwa mene ká. Am pangena mawe atiga panzane mene ka te wawu kuset paga xiwa.

Pandapuap atige ka teteá. Ena pandet wara ki byp wara Kia man te mena liá.

Ena teté wawu kuset pane angá.



Panta05: Wawu kuset

Wawu kuset é indicado para o tratamento de dores de garganta. Para preparar e preciso raspar a casca da raiz com a faca antes e colocar na água morna e tomar em seguida. Essa planta é indicada somente para combater essa doença. Ela serve tanto para adultos quanto para crianças.

PLANTA 06: ZUGUP SEP

Zugup kap pabi xiwa ki paga xiwa kia panga pangua atige ka pambali ká.

Am panga pandjapa tere zugup kap jãwip kajá.

Paga kajã pangena paga xiwa lia. Itet pina pangena sape xima kaliá.

Ebu panga ewe mite pabi xiwa itet pina.

Ena antigia te man wara te mena lia, pandet wara ki byp wara Kia man te angena xiwa lia.

Ena panga pangua atiga panzane mene ka zup kap pabi xiwa ki paga xiwa kiá.



Planta06: Zugup sep

Toma o chá da folha e da raiz para combater dores no abdome e no coração. Não é difícil reconhecer a planta Zugup kap jãwip. Os dois são preparados com água, tanto as folhas quanto a raiz. Este remédio serve para adultos e também para crianças.

PLANTA 07: IPAGATU

Gywã panzane mene wara ipagatu meliá. Gywã panzane mene ka panga pawara kala matê ante saka andjajî pawara kaj kina man kajá.

Am panga antigia te man kaj pawara kale tigiá.

Ipagatu paga kajã panga paga xiwa itet piná. Pawara parat tere ipagatu maliá.

Ãxira panzali pawî panga ipagatu paga xiwa pambali kaliá.

Ena ipagatu anga pawara parat na gala ka atá.

Ena pandet ki byp Kia man te anga xiwa lia.

Ena teté ipagatu pane angá.



Planta 07: Ipagatu

Ipagatu também serve para anemia e para falta de ar. Quando a gente está sentindo falta de ar e anemia procura o sabedor das plantas medicinais para ser medicada. Essa planta é muito boa e tem efeito imediato, por isso mesmo se a pessoa esteja quase morrendo de falta de ar esse remédio vai ajudá-la a melhorar os sintomas. Para preparar o remédio raspa-se a raiz de ipagatu com uma faca e coloca água e toma em seguida. Este remédio também é indicado para todas as idades.

PLANTA 08: ZYM KAP JAWIP

Panguxilu panzane mene ka panga zym kap jawip tig wá.

Dipe mi pangena saja zym kaj tig djali awanea mene ká.

Am panga ali pambali tê tig wap kuja liá.

Ena mene ka meja mepekiripa mene ka zym kap jãwip tig waliá.

Wemi ûm mesane mene ka meja kubap te kaj kala mene tigia liá.

Ena mane wara zym kap jãwip mena liá.

Ena teté ewe pane angá.



Planta 08: Zym

Zym é indicado para o tratamento de náuseas e vômitos. Para conseguir o remédio é preciso dar um pequeno corte, com facão se no caule da planta Zym, para tirar o leite e dar para a pessoa que está enjoada ou vomitando tomar. O efeito deste remédio é imediato. Quando você estiver vomitando tome esse remédio. Se você não conhece esta planta procure alguém que conheça.

PLANTA 09: WEDJAG PYLYJ

Wedjag pylyj kala panga ka gala kuj pawexipe ká.

Ebu panga xikini pajane mene ka djuga paga igiá.

Ebu panga wulu paga ta pawulu zap kujá.man paga kajã bu pangena pali sape xima itet ka mene ká.

Etere pangena sape xima kap pi xiwá.

Ena panga wedjag pylyj paga xiwa pawe xipe ká.

Pagali pajande pawe xipap pi man pi tete panga paga xiwe makalia.

Ena teté ewe pane anga pawat pane na.



Planta 9: Wedjag Pylyj

Esta planta é utilizada para combater a diarreia muito forte além dela existem outras plantas que são misturadas que podem ser utilizadas para combater a diarreia. Essas plantas são retiradas do solo, a parte utilizada e a raiz depois da preparação e consumido pelo paciente durante até a sua melhora.

PLANTA 10: KASAL AGUA

Gywã panzade mene wara Kasal agua me naliá. Padawap ta te pangena xiwap kuja.

Pambere pire tigi ta panga Kasal Agua paga xiwa pandutê pé manga mene kajá.

Ena buteza kia te pangena xi wap kuja.

Paga kajã pangena bala karea . Ebu pangena kajãm pi dalaga sape kaja. Epi tere bu pangena xiwa i pina ki itet tajambyp ka Kia te xiwá.

Werewa maj te angena xi wa, wanzej ki wyjej Ki pandérej ki bywej Kia maj angena xi wa.



Planta 10: Kasal Agua

Esta planta é uma das mais importantes no desenvolvimento físico da pessoa. A potencialidade desta planta é imensa para as crianças crescerem saudável, bonita, trabalhadora e com sua estrutura física perfeita. Além dela tem mais plantas para serem misturadas como a primeira planta citada na figura 01. A planta é retirada do solo, descasca a raiz para misturar com outras plantas e é servido para todas as crianças e jovens, sendo utilizadas várias vezes.

PLANTA 11: PAWE KALI WAT

Pawe kali atiga pazande mene ka pangena pabi pira pawe kali ka.

Pukãj ka pangena pabi madu karea .Ebu pangena pabi adup pira pawe kali ka.

Ena pagena ã pira pawat na.



Planta 11: Pawe kali wat

As folhas desta planta servem para combater dor na coluna. Quando a pessoa sente dor na coluna, está folha é utilizada para aplicar na pessoa onde sente dor. As folhas são aquecidas no fogo e são usadas bem quentes na coluna, onde sente dor.

PLANTA 12: BASEP KYJ

Byp xiri ki pangena basep kyj pabi sep adup miá. Itet adup ka pangena sep mandu bala kareá.

Man sep adup mi bu pangena byp maji ximiã.

Byp abejiwa pixa ki byp sabikap xiri kia pangena byp jali awatana mene kaliá.

Am pangena mujde byp xiriá.epite epitea pangena xiri kiá.

Ena man basep kyj mena pangaja lia.



Planta 12: Basep kyj

Esta planta serve para ajudar a criança andar mais rápido, a parte utilizada da planta são as folhas. O preparo desta erva é na água morna, para dar banho na criança todos os dias, passa as folhas na coluna e nos joelho da criança. Para alcançar o resultado desejado é preciso usar várias vezes

PLANTA 13: ÃLINDJNG

Ãlindjang kala panga ka gala kuj pawara na. Ana man wara na. Pandjit sande gulua mene ka pangena ãlindjang paga kãja de xiwá.

Xi adupwyt wa pangena pandjit jali Jana tea mene ká.



Planta 13: Ālindjang

Este remédio serve para controlar o fluxo menstrual. Algumas mulheres têm o fluxo menstrual muito intenso perdendo uma quantidade de sangue acima do normal, esse remédio é indicado para essas mulheres. Ele diminuirá a quantidade de sangue e de dias menstruais evitando uma possível anemia. Esse remédio é feito com a raiz da planta de Ālindjang raspada com facão e colocada em água morna, pode tomá-lo em seguida.

PLANTA 14: BABYGA

Babyga paga xiwa panga pali pambarat andarim ta tea mene kaliá.

Pangu sabe tigi angena epareká. Paga kãja pangena pali paga xiwa itet ka
Ki í ka kia teá.

Am panga mana babyga paga xiwa panzane mene ká.

Werewa te mena pawara liá. Pandet wara ki byp wara kia te mena lia.



Planta 14: Babyga

Babyga é utilizado para fortalecer a estrutura física, recuperar o ânimo e também serve para abrir o apetite. Pessoas aparentemente preguiçosas, que andam desanimadas devem tomar esse remédio. Pode tomar tanto com água como na chicha. Para preparar o remédio raspa-se a raiz de babyga com uma faca e coloca na água ou na chicha e toma em seguida.

PLANTA 15: WEXIPAP WAT

Pawexipe ka pangaka gala kuj ma'ã.

Ebu panga wulu xikini ka xita zap kuj paga xiwá.

Bala pangena paga kaja kaeá.

Pawexipé tapurasa angena pawexipap piá.



Planta 15: Wexipap wat

Esse remédio é para combater diarreia. Ele é feito com a raiz da planta. Para preparar o remédio raspa-se a raiz de Wexipap wat com uma faca e coloca na água fria e toma em seguida. Para elaborar o remédio é necessário misturar outras plantas com o mesmo poder de cura.

PLANTA 16: DJIGÃAM

Pazali pia tie wat a mena pawat na. Ebu pangena pajiri pabi mia sep mi pazali pi atie ka.
Itet ka pangena pabi xi madu bala karea man pi tere bu pangena pajiri xi mia.



Planta16: Djigãam

Essa planta serve para combater dores abdominais. A preparação deve ser em uma água morna em seguida utilizamos as folhas para passar no local da dor.

PLANTA 17: UT IM SEP

Ut iri pangena sep mia pukãj ka pangena sep mandua bala karea.Ebu pangena sep adup pira ut kaja. Ena pangena sep pira ut má'ú karea.A kãjã djande mene ka tete pangena pagali irip pia. Ena tete ut im sep pane anga.



Planta 17: Ut im sep

Esta planta serve para curar o tumor, onde as folhas são esquentadas no fogo e logo passada no tumor a utilização é constante até fazer desaparecer o tumor.

PLANTA 18: MÃXAPU

Maxapu paga xiwa pangena butingej ta pazande mene ka.Ebu Pagená paga kãjã xiwa.
Itet ka pagena sape ma dalaga xi manga. Epi tere panga xiwa.
Ena tete mãxapu pane anga.



Planta 18: Mãxapu

Essa planta serve para combater a verminose, a parte utilizada é a raiz, raspa entre casca da raiz, mistura com água e espreme para tomar em seguida.

Essas plantas são essenciais para o uso cotidiano do povo Zoró, na cura das doenças simples, onde o próprio sabedor consegue fazer diagnóstico de uma determinada doença existente em um paciente. Por isso as plantas são muito importantes para combater as doenças na comunidade, contendo o conhecimento tradicional do povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das entrevistas e dos depoimentos dos sabedores podemos concluir que o uso de plantas medicinais tem contribuído para a subsistência da etnia Zoró, mesmo com a presença de enfermeiros nas aldeias e o uso da medicina alopata; as plantas medicinais continuam sendo utilizadas para a cura de doenças simples e para o socorro das doenças graves quando se tem que esperar a chegada dos enfermeiros da SESAI.

Não foi possível encontrar e registrar as outras plantas que são utilizadas com a Wexipap wat para fazer o remédio de diarreia, mas os sabedores afirmam que ainda existem as demais plantas e é possível conseguir elaborar este remédio.

Para continuar o trabalho de valorização dos conhecimentos das ervas medicinais despertados nesta pesquisa propomos:

- Fazer oficinas sobre as plantas medicinais;
- Fazer uma horta com as plantas medicinais dos Zoró e apresentar as plantas medicinais como uma alternativa eficaz na cura de determinadas doenças;
- Nas aulas de Biologia e de Extrativismo apresentar o uso das ervas medicinais como praticidade e economia;
- Como memória e história falar da utilização das plantas medicinais nos rituais e no desenvolvimento de um indivíduo sadio na comunidade.
- Recuperar esses rituais.

Diante dos resultados obtidos nesta pesquisa podemos afirmar que é importante o resgate das informações, e os registros feitos com os sabedores da cultura indígena, e que possivelmente poderiam ser perdidos por não terem sido transmitidos. Assim, esse trabalho é fundamental para a etnia Zoró porque contribui no resgate desse conhecimento e ficará disponível para as futuras gerações poderem conhecer e utilizar as plantas medicinais deste povo na solução dos problemas que lhes afligem.

REFERÊNCIAS

BRUNELLI, Gílio, **Atravessando mundos á procura das causas: os Zoró explicam as doenças**, Université de Montreal Canadá, 1988.

DIEGUES, Antonio Carlos; VIANA, Virgilio M. **O papel do conhecimento e manejo Tradicional na conservação**, in: DIEGUES, Antonio Carlos; VIANA, Virgilio M. Comunidades tradicionais e manejo dos recursos naturais da mata Atlântica, São Paulo, NUPAUB- USP, 2000.

DI STASI, Luiz Claudio. **As origens do conhecimento das virtudes das espécies**. In: DI STASI Luiz Claudio. Plantas medicinais: Arte e ciência, São Paulo, Ed: UNESP, 1996.

FUNARI, C. S; FERRO, V.O. **Uso ético da biodiversidade brasileira: necessidade e oportunidade**, Faculdade de Ciências Farmacêutica Universidade de São Paulo, revista brasileira de Farmacognosia São Paulo, 15(2), 178-182, abr, jun, 2005.

HOEFFEL, João Luiz de Moraes; GONÇALVES, Nayra de Moraes; FADINI, Almerinda Antonia Barbosa; SEIXAS, Sonia Regina da Cal. **Conhecimento tradicionais e o uso de plantas medicinais nas APAS**, S, Cantareira, SP Fernão Dias, MG, revista vitas, Niterói, Nº 1, Setembro, 2011.

LACERDA, Maria Conceição de. **Bekã Pamakube (lugar de aprender). Aprendendo com os Zoró: análise da identidade indígena através da experiência das escolas nas aldeias do povo indígena Zoró**. Tese de Doutorado, defendida no dia 22 de janeiro de 2014 na USAL - Universidad de Salamanca.

LUZ, Francisco Joaci F. **Plantas medicinais de uso popular em Boa Vista, Roraima, Brasil**. Boa Vista, Horticultura brasileira, Brasil, v.19, n.1, p.88-96, março, 2001

MATA, Neli Dayse Santos da. **Participação da mulher Wajãpi no uso tradicional de plantas medicinais**. Macapá-AP, UNIFAP, 2009.

MILLIKEN, William. **Plantas medicinais, malária povos indígenas: Estudos Etnobotânico no norte da Amazônia, Roraima, Boa vista**, 4 (único), p. 23-30, 1998.

MONTELES, Ricardo; PINHEIRO, Claudio Urbano B. **Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica**, revista de Biologia e da ciências Terra, Campina Grande, v.7, nº 2, 2º semestre, 2007.

SILVA, Andrea Leme da. **Animais medicinais**: conhecimento e uso entre as populações ribeirinhas do Rio Negro, Amazonas, Brasil. *Ciencias Humanas*, Belém v.3,n. 3,p.343-357, set, dez, 2008.

SOUZA, Márcia Balreira de .**O uso medicinal e místico de plantas por moradores do Bairro Morretes, Município de Nova Rita, Rio Grande do Sul**. Centro Universitário La Salles, Canoas, 12 de julho, 2007.

ZORÓ, Fernando X. **Ritual de caçada na cultura Zoró**, monografia de conclusão de curso apresentada na UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Barra do Bugres, 2010.